

# COMPUTADORES Por EURICO DA FONSECA

## Utilitários

# «TRADUTOR I» É BOA IDEIA E FUNCIONA BEM

O «Tradutor I» é um programa editado em Mangualde pela JOGOFO Soft e criado por Edith Lopes Marques. Antes do mais, note-se o uso da informática como um meio de fugir às limitações do interior do País. Aqueles que entre nós fogem das vilas e das pequenas cidades para os grandes centros, esquecem que, nomeadamente na área do «software», o que está a acontecer é, precisamente, o contrário: desde os programadores independentes às grandes casas editoras há uma tendência geral para a fixação em áreas afastadas, quase rurais, livres de tensões. A JOGOFO Soft é, pois, um exemplo em que se deve atentar.

O «Tradutor I» é de resto, apenas uma das suas edições — há também, pelo menos, um programa para gestão de clubes de vídeo que a crer pela descrição, parece invulgarmente completo, pois até inclui um «Video-Show», ou seja, um utilitário de apresentação, com animação e música, segundo o género dos filmes.

### Da ideia à realização

A documentação que recebemos do «Tradutor I» indica também a posse, por ele, de muitas e variadas características, e estamos certos de que, o que se diz delas — «incrível» mas «verdade» é correcto. Infelizmente, todavia, a disquete de demonstração que recebemos não se mostrou capaz de dar uma pálida ideia das suas possibilidades.

Não se pense que se trata de um sistema de tradução inteiramente automatizado — isso não seria incrível, mas sim impossível, pois exigiria equipamento de muito maior porte do que qualquer — mas não é por isso que o programa se mostra menos útil. Pelo que nos pareceu a técnica nele usada é semelhante à dos vocabulários ortográficos:

Se a palavra inserida tem correspondente no dicionário, é substituída pelo termo estrangeiro com o significado mais aproximado e o programa fornece ainda uma lista de sinónimos; se no dicionário não se encontrar qualquer correspondente directo é apresentada uma lista de termos com grafia aproximada, alternativa esta que nos pareceu de valor duvidoso, visto ser corrente que termos parecidos tenham significados muito diferentes; veja-se o que acontece na própria informática, em que se vê pessoas com responsabilidades traduzirem «default» por «defeito», quando o verdadeiro sentido de tal termo é «omissão».

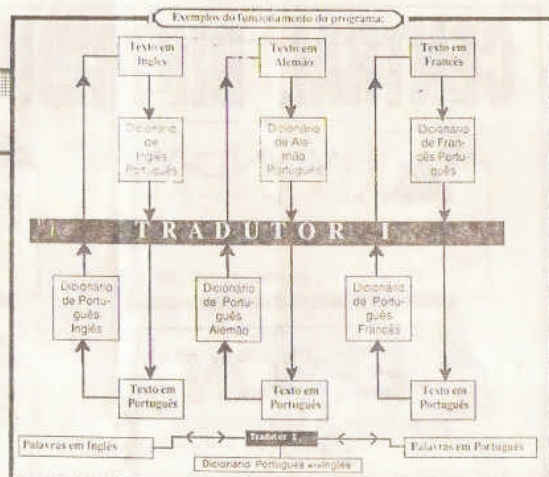
As frases idiomáticas podem também ser traduzidas, o que se apresenta como uma extensão da correspondência da palavra isolada, e por certo é uma capacidade interessante. seis dicionários estão já publicados ou perto disso, relacionado cerca de 171 mil termos da nossa língua com a Inglesa, a Francesa e a Alemã, e vice-versa. E há notar que é impossível a importação de documentos dos

processadores de texto mais correntes, se em código ASCII.

### Poupar trabalho

No mínimo, o «Tradutor I» evita, quer ao estudante quer mesmo ao tradutor profissional, o trabalho de folhear os dicionários impressos, o que não é de desprezar, muito embora, pelo que supomos, não forneça, como aqueles, exemplos de aplicação. E dizemos «pelo que supomos» porque, como já referimos, a disquete de apresentação pouco apresenta. O dicionário incluído nela é tão pequeno ou tão mal escolhido que ao fim de cerca de meia hora de tentativas só conseguimos ver traduzida a palavra «um!».

A casa editora avisa nas instruções que foi forçada a reduzir os dicionários por a disquete ser de 720 Kb, mas surpreendentemente inclui nela como «utilidade» um «puzzle»! Ficámos com a ideia de que o programador quis aproveitar a oportunidade para mostrar as suas capacidades, e a interface do «Tradutor I» pareceu-nos confirmar essa impressão: é uma larga mostra de rotinas gráficas antiquadas, revelando um completo alheamento das tendências presentes do «software» profissional. Na disquete de apresentação — e segundo se pode crer, no programa comercializado — a interface (de texto) foi editada em CGA na resolução de 320x200x4, usada nos jogos de há seis ou sete anos atrás e inferior à dos próprios



O «Tradutor I» é um programa bem concebido.

Spectrum. Na era do Super VGA isso é inadmissível, a menos que o editor pensasse no mercado dos computadores de entrada do tipo XT de um ou dois anos atrás (e a presença de uma opção Hercules parece confirmar isso), mas quem, entre os possuidores desses XT, estará disposto a adquirir um programa com um preço ao nível dos profissionais? O uso do CGA obriga à criação de janelas demasiado grandes, o que pode explicar o facto de a de carregamento, quando chamada, ir ocultar a lista dos dicionários disponíveis!

### Um bom futuro, se...

Há mais aspectos na programação que podem ser interpretados do mesmo modo: um é a disquete de apresentação ser protegida contra cópia e o seu uso estar limitado a 300 instalações. Porquê? Por um lado, quem a vai instalar tantas vezes? Por outro, acontece que, em regra, os editores pedem (naturalmente) para que essas disquetes tenham a máxima divulgação, e não o inverso.

Repetimos que, pelo que se pode supor, o «Tradutor I» é uma ideia boa e muito aceitável no plano funcional. Mas o programador e editor tem uma opção a fazer ou continua com a interface tipo Spectrum e com isso a coloca ao nível dos programas dos velhos micros, ou lhe dá uma apresentação actualizada, se possível integrada no ambiente Windows, e tem um sucesso a nível internacional.